

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DA SUSTENTABILIDADE VIVENCIADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO

Josiane Gonçalves¹
Dircelia Alves Almeida²
Regiane de Souza Menezes³
Denilsa dos Santos Fernandes⁴

Resumo: Objetiva iniciar reflexão sobre o tema da sustentabilidade na Educação Infantil do Campo, a partir de duas atividades no âmbito do PIBID-Diversidade, a primeira numa escola de assentamento, a segunda na ciranda infantil de um Centro de Formação ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST. Descreve as experiências e as considera como sendo de educação para a sustentabilidade, num contexto de disputa de projetos no campo. Relaciona o conceito de sustentabilidade com o projeto dos movimentos sociais populares do campo e a identidade dos sujeitos coletivos do campo. Conclui que a educação para a sustentabilidade pode ser uma das intencionalidades da educação infantil do campo relacionada à formação da identidade dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação Infantil do Campo. Sustentabilidade. MST. Ciranda Infantil.

Introdução

O presente texto propõe-se iniciar uma reflexão sobre o tema da sustentabilidade na Educação Infantil do Campo. Essa reflexão partiu da realização de duas atividades no âmbito do PIBID-Diversidade, descritas na sequência. Essas atividades despertaram alguns questionamentos relacionados à formação para a sustentabilidade nos espaços formais e não-formais de Educação Infantil no campo.

A primeira atividade foi realizada com uma turma de Educação Infantil durante uma intervenção docente em uma Escola do Campo na região noroeste do Paraná, localizada em um assentamento de reforma agrária, na área de influência da Escola Milton Santos. A professora naquele momento trabalhava com o tema gerador “solo”, enfatizando a importância da preservação e do cuidado com a terra.

A intervenção docente partiu da visita numa área de agrofloresta da escola (um sistema de cultivo que combina árvores nativas e frutíferas com a produção agrícola), onde os educandos da Educação Infantil observaram os frutos e folhas caídos no chão, que se convertem em matéria orgânica no solo, e os insetos que encontraram no momento em que

2164

¹Técnica em Agropecuária com ênfase em Agroecologia pela Universidade Federal do Paraná -UFPR, Acadêmica do Curso de Pedagogia para Educadores do Campo- Universidade Estadual de Maringá- UEM e participante do PIBID-Diversidade. josianepego@yahoo.com.br

² Acadêmica do Curso de Pedagogia para Educadores do Campo- Universidade Estadual de Maringá- UEM e participante do PIBID-Diversidade.

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia para Educadores do Campo- Universidade Estadual de Maringá- UEM e participante do PIBID-Diversidade. regianemenezespa@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Pedagogia para Educadores do Campo-Universidade Estadual de Maringá- UEM e participante do PIBID-Diversidade. denilsamsedoc@yahoo.com.br

tiveram contato com a terra, atividade que contribuiu para o entendimento e a importância do cuidado com a Mãe Terra.

Visando destacar a importância da preservação da vida do solo, foi feito um experimento em dois momentos: a) um copo com água foi jogado na terra protegida pela vegetação, assim os educandos perceberam que não houve nenhum impacto no solo, havendo uma absorção lenta da água. b) um copo de água foi jogado na terra desprotegida (nua), causando assim um impacto - formando um “buraco”, na percepção do senso comum dos educandos; houve uma intervenção dos educadores infantis neste momento, afirmando (a partir do conhecimento científico) tratar-se da erosão, o copo com água representando a chuva. Além disso, a partir da observação dos educadores em relação ao lixo produzido na escola, iniciou-se também uma atividade pedagógica que trabalhou a necessidade da separação do lixo produzido na área da escola.

A segunda atividade foi realizada na ciranda infantil “Sementes da Esperança” da Escola Milton Santos (Centro de formação dos Movimentos Sociais do Campo), que é um espaço destinado às crianças dos moradores, voluntários, estudantes e demais pessoas que passam pela Escola. A ciranda infantil possibilita aos pais participarem das atividades de formação (tais como cursos formais, reuniões, encontros de educadores), e no trabalho, enquanto as crianças ficam sob o cuidado de educadores infantis, desenvolvendo as dimensões do lúdico e do cognitivo.

Os pais das crianças que frequentam a ciranda e os educadores apontaram a necessidade de se trabalhar com as crianças uma aproximação e vinculação com a natureza, a partir de uma perspectiva educativa que possibilitasse desenvolver ações que contribuíssem para o crescimento dos Sem Terrinhas nas várias dimensões humanas, pois nem todos tinham um vínculo, um contato mais direto, com o ambiente do campo.

A atividade, desenvolvida semanalmente, tem início com um passeio na horta, visando mostrar e explicar como se constrói uma horta. Os educadores orientam como as crianças devem se movimentar nesse espaço, seguindo as ruas do canteiro. A partir desse primeiro contato as crianças são estimuladas a realizar práticas de plantio de sementes e mudas. Juntamente com o estudo e reconhecimento da diversidade de plantas, microrganismos, solo e demais elementos que são necessários para o desenvolvimento das hortaliças, as crianças desenvolvem a relação com a terra.

Como sequência dessa atividade, as crianças participaram na implantação de uma “mini horta” ao lado da Ciranda, onde elas contribuem no cuidado dos canteiros e na colheita

das verduras e temperos, utilizados para o consumo na Ciranda. Não são utilizados agrotóxicos e as crianças já compreendem a importância de uma alimentação saudável.

Educação do Campo, Sustentabilidade e Sujeitos Coletivos

Pode-se dizer que ambas as atividades relatadas são experiências de educação para a sustentabilidade. Existem diversas concepções para o conceito de sustentabilidade; no presente artigo adotamos a concepção que nos parece mais próxima da Educação do Campo. A discussão sobre sustentabilidade foi incorporada recentemente, por volta de 1960-1970, como um debate social e acadêmico, em que o debate maior é a questão ambiental. Conceitualmente, a sustentabilidade é “[...] a capacidade do planeta de sustentar as sociedades humanas e seu nível de consumo de materiais e energia, e a consequente produção crescente de dejetos e poluição” (SILVA, 2008, p. 730). Nessa perspectiva, o modo de vida resultante do sistema capitalista remete a impactos ambientais e sociais que caracterizam uma sociedade insustentável.

No campo, existem dois projetos opostos: o do agronegócio e o da agricultura camponesa/dos movimentos sociais populares do campo.

2166

O agronegócio é parte do modelo capitalista, concentra grandes propriedades de terra e desterritorializa as populações do campo, visando a produção de *commodities* para exportação com uso intensivo de agrotóxicos, em busca do acúmulo de capital. O termo agronegócio foi criado para expressar as relações econômicas (mercantis, financeiras e tecnológicas), existentes entre o setor agropecuário, a esfera industrial e agroexportadora (FERNANDES, 2005). Ele resulta na exploração da natureza, no desmatamento, no desequilíbrio dos ecossistemas, na perda da biodiversidade.

A esse sistema contrapõe-se o projeto dos movimentos sociais populares do campo, centrado na produção de alimentos saudáveis com outra forma de vida no campo, estabelecendo vínculos com a natureza, desde o cuidado com a terra, os seres vivos, e a existência no território. Segundo Silva (2008, p.731) “[...] as comunidades camponesas (e também as indígenas) são, e poderão ser muito mais, células implementadoras da noção da sustentabilidade na prática cotidiana [...]”, uma vez que a sustentabilidade tem a ver com a preservação do meio ambiente, a utilização de energias renováveis, a agroecologia, a preservação e resgate das sementes crioulas, a autonomia e diversificação na produção, elementos esses do projeto da agricultura camponesa.

Há diversos sujeitos coletivos do campo que se opõem ao atual modelo hegemônico no campo (o do agronegócio), porém abordamos especificamente os sujeitos que se organizam na luta pela reforma agrária no Movimento dos Trabalhadores Rurais Terra-MST, o qual tem uma vinculação de origem com a Educação do Campo.

As famílias assentadas desenvolvem e vivenciam, em diferentes medidas, experiências e ações que contribuem para o incremento da sustentabilidade das áreas de reforma agrária. Nesse processo, fortalecem a bandeira da luta pela escola do e no campo e afirmam sua identidade enquanto sujeitos do campo, e enquanto sujeitos pertencentes a um movimento social que possui um projeto de campo.

O ser Sem Terra foi se constituindo como sujeito por meio de uma condição social construída historicamente. No primeiro momento esse sujeito se mobiliza em função da luta por um pedaço de terra; entretanto, no processo de organização e luta se vai formando a sua consciência crítica, e a compreensão de que as desigualdades sociais são inerentes ao sistema capitalista. Na vivência de novos valores e de uma cultura diferenciada, vai-se formando sua identidade como sujeito de sua própria história:

Nesse sentido Sem Terra é mais do que sem-terra, exatamente porque é mais do que uma categoria social de trabalhadores que não têm terra; é um nome que revela uma identidade, uma herança trazida e que já pode ser deixada aos seus descendentes, e que tem a ver com uma memória histórica e uma cultura de luta, uma cultura de luta e de contestação social (CALDART, 2001, p.211).

2167

Considerações Finais

A pedagogia do MST tem um vínculo de origem com as lutas sociais camponesas, e com uma concepção teórica que tem como marco principal o materialismo histórico dialético, que fundamenta os princípios filosóficos e pedagógicos da educação no MST. Nessa concepção,

Trata-se de olhar para o MST como lugar da formação do sujeito social Sem Terra, e para a experiência humana de ser do MST, e participar da construção da coletividade Sem Terra, como um processo de educação, que é também um modo de produção da formação humana [...] (CALDART, 2001, p.210).

Dessa maneira, considera-se que a educação infantil do campo, seja na Escola do Campo, seja na Ciranda Infantil, é também um espaço de reforçar os vínculos com o campo e a terra, com o modo de vida camponês, e de construir a identidade Sem Terra, e nesse contexto, a educação para a sustentabilidade pode ser uma das intencionalidades da educação infantil do campo.

Referencias

CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos avançados USP**, São Paulo, vol.15, n. 43, p. 207-224 , set./dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em setembro 2014.

FERNANDES, Bernardo Mançano. O Campo da Educação do Campo In: MOLINA, Monica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo (Org.). **Por uma educação do Campo: Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília: s. n., 2005, pp. 32-53.

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto. Sustentabilidade. In: CALDART, Roseli Salete et alii (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012, pp. 730-734.